



MÉTODOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:

estudos, reflexões e perspectivas

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

3

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizadoras

Prof.ª Ma. Denise Pereira

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

Capa

AYA Editora

Revisão

Os Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa

Universidade Estadual de Londrina

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos

Instituto Federal do Amapá

Prof.º Dr. Carlos López Noriega

Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP

Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva

Centro Universitário FACEX

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chiroli

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis

Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Ma. Denise Pereira

Faculdade Sudoeste – FASU

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig

Universidade Federal do Paraná

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos

Universidade Federal do Amapá

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva

Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Dr. Gilberto Zammar

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso

Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Me. Jorge Soistak

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara

Prof.º Me. José Henrique de Goes

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim

Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues

Universidade Norte do Paraná

Prof.º Me. Milson dos Santos Barbosa
Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP

Prof.º Me. Myller Augusto Santos Gomes
Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda
Centro Universitário Santa Amélia

Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes
Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Parauapebas

Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira
Instituto Federal do Acre

Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail
Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares
Universidade Federal do Piauí

Prof.ª Ma. Silvia Aparecida Medeiros
Rodrigues
Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda
Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues
Instituto Federal de Santa Catarina

Prof.º Dr. Valdoir Pedro Wathier
Fundo Nacional de Desenvolvimento Educacional, FNDE

© 2021 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas desta obra são integralmente de responsabilidade de seus autores.

M9399 Métodos e práticas pedagógicas: estudos, reflexões e perspectivas 3 [recurso eletrônico]. / Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti (organizadoras) -- Ponta Grossa: Aya, 2021. 334 p. – ISBN 978-65-88580-78-3

Inclui biografia
Inclui índice
Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web.
DOI 10.47573/aya.88580.2.49

1. Educação. 2. Educação básica. 3. Ensino fundamental. 4. Cartografia - Estudo e ensino. 5. Educação – Efeito das inovações tecnológicas. 6. Educação infantil. 7. Tecnologia educacional. 8 Educação física (Segundo grau). 9. Educação sexual. 10. Alfabetização. 10. Cultura afro-brasileira. 11. Educação especial. 12. Inclusão escolar. I. Pereira, Denise. II. Bortoloti, Karen Fernanda. III. Título

CDD: 370.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora EIRELI

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53
Fone: +55 42 3086-3131
E-mail: contato@ayaeditora.com.br
Site: <https://ayaeditora.com.br>
Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

Agressividade no ensino fundamental

Sonái Maria Da Silva

*Especialização em: Administração Escolar: Gestão, Orientação e Supervisão-Universidade Castelo Branco;
Educação de Jovens e Adultos – ESAB; Planejamento Educacional e Políticas Públicas WPOS – AVM
Faculdade Integrada; Licenciatura em: Matemática (UNIVERSO);
Pedagogia (UNIRIO); Letras (UNIFACVEST).*

DOI: 10.47573/aya.88580.2.49.23

Resumo

Este capítulo tem como objetivo promover a reflexão sobre a agressividade no ensino fundamental, identificando as possíveis causas de seu surgimento, assim como os tipos comuns que se apresentam na escola, através da pesquisa bibliográfica. Comportamentos agressivos passaram a invadir o cenário escolar, há pouco tempo causando reações diversas dos mais variados segmentos sociais. Como a instituição escolar sempre esteve na contramão de alguns valores sociais, a presença destes eventos em seu interior tem gerado indignação não só de segmentos sociais, como de profissionais nela inseridos. O estudo do termo etimológico mostra como sua significação pode ser variada fato que se comprova em manifestações apresentadas nas interações sociais percebidas no ambiente escolar, a princípio como reflexo social, mas também percebida nas relações entre funcionários e comunidade escolar. A prática pedagógica só terá eficácia neste contexto quando houver comprometimento e parceria entre escola e família. Assim será mais fácil dominar situações de conflito, combater a exclusão e preconceitos advindos da sociedade tornando o ambiente mais agradável à aprendizagem e desenvolvimento de habilidades e o estreitamento das duas instituições contribuirá para que a comunidade se sinta aliada à prática pedagógica e perceba o comprometimento de todos envolvidos na práxis educacional.

Palavras-chave: agressividade. escola. parceria.

Abstract

This chapter aims to promote reflection on aggressiveness in elementary school, identifying the possible causes of its emergence, as well as the common types that appear in school, through bibliographical research. Aggressive behavior began to invade the school scene, recently causing different reactions from the most varied social segments. As the school institution has always gone against some social values, the presence of these events in its interior has generated indignation not only from social segments, but also from professionals involved in it. The study of the etymological term shows how its meaning can be varied, a fact that is evidenced in manifestations presented in social interactions perceived in the school environment, at first as a social reflex, but also perceived in the relationships between employees and the school community. The pedagogical practice will only be effective in this context when there is commitment and partnership between school and family. This will make it easier to master conflict situations, fight exclusion and prejudices arising from society, making the environment more pleasant for learning and developing skills, and the strengthening of the two institutions will contribute to the community feeling allied to the pedagogical practice and realizing the commitment of all involved in educational praxis.

Keywords: aggressiveness. school. partnership.

INTRODUÇÃO

O tema escolhido para esta pesquisa, “A agressividade no Ensino Fundamental”, problematiza um evento que se tornou um problema social urgente. A sociedade brasileira se depara atônita com as diversas faces da violência, que vem afetando a escola para pânico dos educadores que não dispõem de ações que solucionem o problema a curto e médio prazo. O que assusta é o crescente número de crianças e adolescentes que se comportam de maneira hostil por motivos banais. A agressividade hoje tem se manifestado até nas brincadeiras infantis.

Partilhamos de um entendimento de que agressividade e violência se entrelaçam e de que o comportamento das crianças e adolescentes é reflexo da educação que recebem, por vezes violenta e problemática.

Partindo destes pressupostos, o presente trabalho foi organizado tendo como base três eixos estruturais:

- o primeiro que trata da violência, discorrendo sobre esta no ambiente escolar, sobre a influência da educação familiar, o bullying, a relação entre menores vítimas de abuso e a história mais especificamente do século anterior a este, além de citar alguns tipos de crueldade a que estes podem estar submetidos;

- o segundo eixo diz respeito à polêmica relação entre a sociedade, cultura, valores, mídia e banalização da violência e as consequências na formação de crianças e adolescentes; e

- o terceiro que problematiza a interferência da agressividade na cognição, o papel dos educadores neste quadro, a relação entre a invasão da violência no ambiente escolar, a saúde deste profissional diante do atual quadro de trabalho e a notória e crescente desvalorização de seu papel perante a sociedade.

Por fim apresentaremos nossas considerações finais.

Percebemos que a instituição familiar, que até então era responsável por garantir a base da educação, hoje vive num impasse, infelizmente, comum em nossos dias: a total falta de tempo para os filhos em função do trabalho e a conseqüente falta de autoridade resultante de uma educação permissiva e sem limites pré-definidos. Ma a família não é a única responsável por este “desastre educativo” que presenciamos ultimamente.

A mídia também tem cooperado de forma persuasiva para uma visão deturpada de valores, crenças e comportamentos que são expostos geralmente de maneira atraente e sem críticas, tendo como público-alvo crianças e adolescentes. Observamos que este problema não se restringe aos nossos dias; crianças e adolescentes sempre estiveram envolvidos em situações de agressões e maus tratos no decorrer da história e este evento independe da classe social para se manifestar.

Diante desta triste realidade, é provável que não só as relações sócio-afetivas, como também os aspectos cognitivos possam ficar comprometidos. O trabalho pedagógico se torna um desafio maior atualmente, pelo seu caráter conciliador e filantrópico, em que o aluno não pode mais ser pensado apenas como um cérebro que retém informações. Suas emoções, realidade e experiências são priorizadas quando este é avaliado. Cabe à escola diante do novo quadro, desenvolver um trabalho em equipe onde a intervenção pedagógica deve acontecer tendo como

objetivo principal o resgate do aluno que tem este perfil, através de constantes pesquisas e estudos. Este é um trabalho que requer persistência e engajamento dos profissionais nele inseridos.

A formação do docente é também um aspecto importante relacionado à temática, quando se pensa nos determinantes da violência porque o profissional pode contribuir para a redução como para o aparecimento do evento. Os cursos de formação de professores podem ser importantes neste aspecto, porém há que se fazer uma crítica à organização do currículo deste curso que prioriza aspectos culturais, especialmente relacionados com a diversidade. Esta preocupação é ótima demonstrando avanços rumo à democratização mas, seria interessante atentar para temas conflituosos e polêmicos comuns ao cotidiano escolar que deveriam ser introduzidos nestes cursos sob forma de disciplina contribuindo de forma qualitativa para a formação dos novos profissionais. Afinal o educador precisa conscientizar-se da importância de seu papel em meio a esta problemática daí, a importância da inclusão de tais temas como reflexão sobre o fenômeno da violência e suas implicações na prática pedagógica das escolas.

Assim estaremos na busca de uma escola democrática que implica em respeito mútuo e reciprocidade que modifiquem a visão sobre o papel que as regras devem exercer nas instituições.

O caráter preventivo contribui para uma dinâmica participativa tendo a valorização pela vida e a promoção de direitos humanos como princípios norteadores. Mas, o enfrentamento desta cultura de violência deve ser acompanhado pelo desenvolvimento dos processos de humanização e democratização da sociedade.

Este trabalho pedagógico requer reflexão da prática assim como desenvolvimento de habilidades fundamentais, tendo como propósito sanar o problema, e em seu contexto, os estudos de Piaget e Freud podem contribuir para a compreensão de comportamentos isolados e sua relação com o todo ou com a história de vida do aluno, sua educação [...] e reforçar a socialização tão necessária nesses casos, buscando alternativas de afirmação desses indivíduos, colaborando com a formação para a cidadania e visando a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

O TEMA EM QUESTÃO

A violência tornou-se um dos males mais temidos pela sociedade em nossos dias, e pela escola que, por sua vez, na luta para formar bons cidadãos capacitados ao bom convívio social entre outras de suas incumbências, tem sofrido bastante com suas investidas. Há muitos problemas disciplinares deixaram de ser episódios corriqueiros e particulares do dia-a-dia para se tornarem um dos maiores obstáculos pedagógicos da atualidade. Tornou-se crescente no ambiente escolar, ameaças, intimidações, agressões físicas e morais, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, fato este cada vez mais preocupante para educadores que buscam medidas paliativas para diminuir as ocorrências. Segundo Aquino (1996, p. 7):

(...) de um lado, a autoridade e o controle absoluto de outrora foram substituídos por uma crescente perplexidade e, conseqüentemente, um certo desconforto pedagógico, mas de outro, a linha divisória entre indisciplina e violência pode se tornar muito tênue esgarçando os limites da consciência social. Por aonde ir? O que fazer? (...)

A agressividade apresentada em sala de aula e na escola diz muito sobre a realidade

vivida pela criança e pelo adolescente, ou seja, é resultado da constante exposição à violência, seja ela por meios de comunicação, maus tratos, constrangimentos, abuso sexual...

Assim como a violência, a agressividade também é um assunto bastante amplo e podemos observar seu início desde a mais tenra idade, no início das relações das crianças ainda na Educação Infantil. A princípio, precisamos diagnosticar e discernir o que é inerente a cada faixa etária ou sexo, e o que está fora dos padrões, para que haja o trabalho de intervenção ou de prevenção do problema.

A agressividade pode se apresentar como um comportamento hostil, com a intenção de ferir ou ser cruel com alguém, física e verbalmente; ou mesmo, com o intuito de conquistar uma recompensa sem desejar o mal do outro. Este evento também pode se apresentar como reação a uma frustração que pode ser compreendido, porém é necessário advertências e administração de um adulto que explicará que o comportamento não é adequado, com o objetivo de amenizar ou extingui-lo.

Um fator fundamental no desenvolvimento da agressividade pode ser o meio em que a criança se encontra inserida; podendo haver a influência de fatores individuais, inatos como sexo e hereditariedade.

A instituição família tornou-se a principal vítima da sociedade capitalista, consumista e desestruturada que aí está. É importante destacar que esta formação pode ser constituída de modo distinto da convencional que de alguma forma pode afetar a formação da criança. O corre-corre da atualidade provoca certo distanciamento entre as pessoas, e os pais, que hoje em sua maioria trabalham, acabam transferindo a responsabilidade da educação para a escola.

Esta decisão afeta de maneira ruim a formação da criança porque todos nós sabemos que a educação sempre começa em casa: as atitudes e escolhas dos filhos são definitivamente influenciadas pelos pais. E estes devem compreender até que ponto suas opiniões, atitudes e postura são levadas em conta, para conseguir manter sua autoridade ante as influências exteriores.

É primordial saber identificar quando a agressividade é passageira, por motivos temporários, ou quando pode ser considerada como um transtorno de conduta, caso este em que é necessário um acompanhamento especializado tendo como objetivo auxiliar ou sanar o problema. A agressividade só deve ser tratada como desvio de conduta quando se apresentar por longo período sem que estejam ocorrendo fatos transitórios que possam estar estimulando tais comportamentos. Quando este problema é ignorado as atitudes podem evoluir de maneira prejudicial da adolescência para a vida adulta.. Os casos de bullying se encaixam em problemas de agressividade que não foram resolvidos no momento oportuno.

Entre os casos de violência envolvendo jovens está o “bullying” um termo criado na década 80, na Noruega originado da palavra bully, que significa “valentão” passou a ser utilizado, principalmente, entre os especialistas em educação. Indica a ação de ameaçar, intimidar, ou seja, uma série intencional e repetida de atitudes agressivas de um ou mais estudantes, sem qualquer motivo plausível, contra um grupo ou um colega sobre o qual exercem algum poder de intimidação. O bullying também pode ser praticado através de meios eletrônicos. Alguns fatores que podem contribuir para este comportamento agressivo observado nas escolas pode ser a desestruturação das famílias, exposição à violência, ou a vida em comunidades fechadas à

sociedade, com uma conduta própria.

A carência de uma família que lhe dê afeto e ensine normas de respeito a si próprio e ao próximo pode ser a causa da formação desse grupo que tem poder de influência, substituindo de alguma forma, a figura dos pais, servindo como referência. Portanto, pais e educadores devem estar atentos para poder inibir este comportamento antes que ele se instale e seja mais difícil de eliminá-lo.

Os educadores mostram-se cada vez mais sequiosos por informações sobre o tema que se tornou comum no cotidiano escolar e para compreendermos o problema, torna-se necessário que não o vejamos como um fato isolado da sociedade de hoje. A violência sempre esteve presente na trajetória da humanidade, e (também) de crianças e adolescentes, conforme veremos através de indicadores históricos do século anterior ao nosso.

UM POUCO DE HISTÓRIA

A História mostra que desde tempos remotos, crianças e adolescentes eram submetidas a situações de agressões e violência pelas diversas instituições.

Só no século XX, com a exploração do trabalho infanto-juvenil, provocaram-se mudanças nas famílias e problemas sociais e de saúde coletiva, mas também por consequência disso, o surgimento de políticas para a proteção de crianças e adolescentes. Percebeu-se então um avanço neste aspecto, ao ver a criança e o adolescente como ser em formação dependente de cuidados e de educação.

Desenvolveram-se então concepções e movimentos que colocavam a criança como sujeita de direitos de acordo com a “doutrina de proteção integral”, primeiro pela ONU (Organização das Nações Unidas) e segundo, através de juristas e de movimentos sociais brasileiros na década de 1980, mobilizando a sociedade e alguns setores do Estado como a FUNABEM, que fora construída em 1964, com objetivo de combater a marginalidade, não conseguindo efetivar o mesmo, uma vez que a instituição acentuava a exclusão social.

As mobilizações citadas acima, levaram à Assembléia Constituinte de 1986, uma proposta considerando a criança como sujeita de direitos.

A Constituição de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) proporcionaram aos mesmos, na forma da lei, os direitos universais e de proteção integral. O Estatuto da Criança e do Adolescente foi elaborado para todos os cidadãos, independente de classe social, porque casos de delinquência ou de violência envolvendo menores não se restringem aos lares miseráveis.

Portanto, veremos abaixo as categorias de maus tratos que crianças e adolescentes estão sujeitos.

TIPOS DE VIOLÊNCIA

Violência simbólica

Este conceito foi criado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1970) para descrever a imposição da cultura ou raça de um grupo supostamente superior a outro interpretado como

inferior. Este tipo de comportamento pode ser comum no ambiente escolar entre professores e alunos.

Violência institucional

Este tipo de violência acontece na sociedade, em suas diversas instituições, manifestando-se de formas diversas como: física, sexual e psicológica. Também podem ser citadas como exemplos de violência, as precárias condições materiais de instituições, carência de pessoal e de equipamentos, filas de espera, horários inadequados de atendimento, ausência de profissionais capacitados, ou a negligência profissional. Infelizmente, neste caso em particular, a população mais pobre é vítima constante de descaso.

Violência física

Este tipo de violência é mais comum e costuma ser praticado, na própria família sob a alegação de educar, geralmente acompanhado pelo medo, terror, submissão, espanto, sofrimento psíquico, constituindo-se ao mesmo tempo em violência psicológica. Estes casos são muitas vezes atendidos em instituições na área de saúde que devem obrigatoriamente encaminhar ao Conselho Tutelar.

Violência sexual

A violência sexual consiste na exploração sexual de crianças e adolescentes como estupro ou para fins comerciais, no mercado do sexo e da indústria pornográfica que se constitui em violação de direitos e em crime.

Exploração econômica

A exploração econômica está relacionada ao trabalho infanto-juvenil, que vem sendo pesquisado, denunciado e enfrentado nacional e internacionalmente. Porém, estudos sobre violência contra crianças e adolescentes raramente o classificam nesta categoria, apesar de ser interpretado como exploração econômica e violação de direitos, de acordo com o artigo 5º da ECA. (1990).

Deve-se destacar que pais ou responsáveis que permitem o trabalho infantil cometem o crime de Abandono Intelectual, de acordo com o artigo 246 do Código Penal (1940).

Além dos tipos de violência descritos acima, sujeitos à penalidade por quem os cometer, há também um tipo sutil, impregnado na sociedade, talvez seja o mais perigoso por causa de seu caráter velado, pelo sentimento de impunidade e porque tem grande poder de influência, principalmente sobre crianças e jovens podendo ser manifestada em todos os segmentos sociais, através da cultura. Esta apresenta o lado negativo quando se propõe à formação de desvio de caráter.

SOCIEDADE, CULTURA E VIOLÊNCIA

A falta de oportunidades em nosso sistema seletivo e excludente em consequência do capitalismo, por ser extremamente violenta, faz com que as pessoas que se sintam privadas de seus direitos fundamentais, aprendam a agir de forma agressiva. Na época presente, existem

exemplos como às altas taxas de mortalidade de crianças e adolescentes envolvidas no tráfico de drogas, gangues, adolescentes em conflito com a lei, homicídios e acidentes de toda ordem.

Desta forma, fica notório que o Estado, para mostrar poder e manter a ordem é o principal responsável pela violência, ressaltando que o sistema não proporciona oportunidade de recuperação para os que se encontram à margem da sociedade e da lei. A violência pode ser compreendida não como um fato isolado, psicologizado, seja por descontrole, doença ou patologia, mas como um atrelamento de relações envolvendo a cultura, normas, o imaginário, ou seja, todos os fatores que envolvem o processo civilizatório de um povo.

Desta forma, o exercício à cidadania fica comprometido diante do caos social, vindo a se tornar uma violência à pessoa física que se sente privada em seus mínimos direitos de vida pacífica em sociedade.

Pode-se dizer que a violência é uma violação dos direitos, negação, dominação e sofrimento do outro. Em nosso país tornou-se preocupante as proporções tomadas pela abrangência e banalização da violência.

Este mal que há muito herdamos porque o ser humano é um ser sociável, mas apresenta um instinto natural agressivo e que apesar das leis, movimentos sociais e ações afirmativas tende a se manifestar em nossa cultura por mais que lutemos contra.

Neste aspecto, a mídia também contribui para a propagação da visão desvirtuada de comportamentos, valores em nossa sociedade.

VALORES, MÍDIA E SOCIEDADE

De alguma forma a violência social que presenciamos no cotidiano vem sendo reforçada e até instigada, sem querer ser pessimista ou taxativa, pela mídia, especialmente pela TV aberta, acessível às camadas populares em programações nada educativas em horários desapropriados onde nota-se falta de referência de papéis socialmente aceitáveis.

A metamorfose de personagens, o forte apelo emocional, as cenas violentas, os temas polêmicos (nem sempre explorados de forma esclarecedora) e o bombardeio da sexualidade, vindo a provocar a erotização precoce podem contribuir para uma formação deturpada do caráter do telespectador e principalmente ao público infantil que se torna alvo fácil da mídia por não ter construído a capacidade crítica.

Telespectadores assíduos, com o tempo, podem vir a cultivar idéias, crenças e valores sobre tipos de pessoas, faixas de idade, grupos étnicos, minorias raciais, profissões e mesmo sobre outras culturas. É a mídia favorecendo a formação de preconceitos, a difusão e a manutenção de estereótipos, sutilmente, pois os aspectos citados acima com freqüência são apresentados de forma chamativa e fragmentados.

Isso sem relatar as distorções recorrentes nas idéias, valores e crenças sobre a realidade em relação à família, trabalho, aos papéis sociais, sexuais, aos grupos minoritários, ao envelhecimento, morte, dinheiro, ensino, violência e delito.

Essas distorções se refletem nas diferentes concepções sobre a realidade entre usuários assíduos e leves o que não deixa de ser uma violência, porque afeta o indivíduo nos aspectos

psicológico, social e emocional. Na verdade, os meios de comunicação social têm o poder de fazer uma lavagem cerebral no telespectador porque seu poder de influência é muito forte, podendo colaborar de forma positiva como também negativa; esta última em especial é mais explorada por não haver opção de escolha como vem sendo veiculado ultimamente através de propaganda em todos os canais, jogando a responsabilidade do mau uso para o telespectador.

Desta forma, a mídia confirma a marcante presença da violência no dia-a-dia e a explora de maneira “bombástica”, podendo vir a contribuir para que esta se torne um parâmetro negativo para determinados atores sociais prejudicando os mesmos tanto no aspecto moral como também no aspecto social. A escola tem papel preponderante neste contexto de falta de modelos sociais positivos.

É dever da escola a busca de estratégias de divulgação de valores esquecidos e pouco propagados pela mídia além disso, cabe ao professor utilizar este fenômeno como objeto de estudo e instrumento de trabalho propiciando aos alunos questionamentos e análise de conteúdo das programações, refletindo sobre aspectos positivos ou negativos, suas conseqüências etc. O trabalho pedagógico tem especial relevância por contribuir para o desenvolvimento de um olhar diferenciado e crítico sobre a mídia.

É importante destacar que além de ser utilizada como objeto de estudo, torna-se interessante tratar de tais assuntos da mídia em ambiente escolar, por se tratar de atualidades, despertando o interesse dos alunos que são o principal público de programações e também pela inovação da cultura escolar a que estão condicionados.

Através do estímulo ao desenvolvimento da capacidade crítica, o aluno estará construindo sua autonomia, capacidade esta necessária para o exercício pleno da cidadania. A escola como instituição responsável pela educação e comprometida com a qualidade, busca desenvolver uma proposta pedagógica coerente com seu discurso de forma a torná-lo concreto.

VIOLÊNCIA E COGNIÇÃO

A partir de uma perspectiva de análise e reflexão da prática educativa assim como das relações interativas da classe que o trabalho pedagógico se baseia, criando estratégias de superação e avanços do processo.

Diante dos problemas do crescente descomedimento no cotidiano escolar cabe aos educadores encará-lo frente a frente diagnosticando as causas do mau comportamento, desvio de conduta, falta de limites e procurar intervir pedagogicamente. Nessa busca de alternativas de trabalho alguns teóricos podem auxiliar a prática pedagógica.

. Por outro lado, a competição pode se tornar prejudicial quando dá origem a sentimentos de inferioridade ou quando dá oportunidade para humilhar os companheiros (bullying) que acontece hoje com frequência nas escolas. O pedagogo deve entender este comportamento, não como algo comum à faixa etária, mas como o momento de intervir e explorar o processo de cooperação. Segundo Moreira (1993 p.130):

(...) do ponto de vista sócio-afetivo, observa-se nesta fase a consolidação da identidade e o estabelecimento de uma moralidade autônoma, características estas que se encontram refletidas na formulação de valores e nas atividades psicossociais desenvolvidas pelo jovem (...)

O estímulo à prática cooperativa faz com que o adolescente vá se distanciando do egocentrismo inicial e se torne sociável, adotando atitudes saudáveis, ou seja, a educação dele deve girar em torno da compreensão de que a cooperação acontece no sentido de que as ações sejam realizadas em um contexto social, interativo. Desta forma, o aprendizado pode ser interpretado como um aspecto necessário, universal, ou uma espécie de garantia para o desenvolvimento de características psicológicas, especialmente humanas e culturalmente organizadas.

Vemos desta forma que os atos agressivos ou a violência, também podem ser aprendidos pelo educando através do convívio em seu meio social, estando a escola a serviço do resgate do pleno desenvolvimento e formação do caráter dessa criança.

Como hoje a sociedade sofre com a troca de valores, até certo ponto influenciada pela mídia, como já fora abordado anteriormente, a formação da criança pode ficar comprometida quando não acontece um acompanhamento educacional adequado.

As relações afetivas desenvolvidas na infância são fundamentais para o equilíbrio emocional nesta fase e na fase adulta..

É comum notar atualmente no ambiente escolar, casos de desvio de conduta que podem ser diagnosticados como falta de educação familiar.

Para que o desenvolvimento e o amadurecimento da personalidade ocorram de maneira saudável é necessário, entre outras coisas, “passar da dependência inicial para graus progressivos de independência, marcando o nascimento psicológico: processo este intrapsíquico de desdobramento muito lento, constituindo-se como um processo de separação-indivuação, podendo ocorrer muitas vezes numa idade acima da infância” (MOREIRA, 1993, p. 131).

A aceitação passiva e dependente da autoridade manifestada pela criança ou adolescente, resulta na fragilidade do Ego, ficando formada desta maneira a base da aprendizagem da submissão e conformismo social. Tendo como ângulo o desenvolvimento sócio afetivo, o papel da escola é de auxiliar o aluno a ser capaz de equilibrar, ou, controlar as reivindicações do Id e do Superego com as exigências da realidade do mundo à sua volta.

Numa visão psicanalítica, trata-se de fortalecer o Ego na sua função de conciliador racional do poder inconsciente do Id e Superego que pode ser decisiva para um desenvolvimento profícuo e contribui para o amadurecimento da personalidade.

Os estudos abordados acima servem como auxílio para desenvolver um trabalho pedagógico voltado para a temática estudada nesta obra. Através destas pesquisas o comportamento hostil pode ser investigado sob vários prismas, ampliando as possibilidades de análise com o propósito de empenhar-se para sanar o problema.

A Psicologia, em especial, é uma das áreas da ciência, e talvez a única, em que a produção de conhecimentos a respeito deste tema se faz presente proporcionando a análise do objeto sob diferentes óticas. Essa possibilidade de exploração do assunto contribui para a compreensão da problemática.

E o setor da Educação deve se apropriar de alguns desses saberes para utilizá-los no contexto educacional; daí a necessidade de intercâmbio entre estas duas áreas que estão a serviço da formação do ser humano. Alguns conhecimentos da Psicologia devem ser aplicados

ao cotidiano escolar como instrumento ou suporte ao trabalho pedagógico, ampliando as estratégias e práticas que efetivam o fortalecimento da democratização.

Nessa perspectiva, educar é antes de tudo procurar fazer com que o indivíduo atue e pense de modo mais racional e prazeroso. A Educação pode ser vista por este ângulo como instrumento de formação de um ser humano que possui autocontrole. O desafio maior está em saber até onde o profissional tem poder de ação, porque diante da atual complexidade social, parte de sua autoridade e status foram perdidos.

II. PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E A VIOLÊNCIA

Atualmente o professor encontra vários obstáculos em seu ofício. Dependendo do local em que se encontra inserida a escola, o ato de lecionar pode se tornar um desafio, ou mesmo, um risco para estes trabalhadores. Este problema pode ficar expresso em pedidos de licença médica, exonerações devido ao profundo desgaste em classe que podem vir a acarretar doenças como depressão, síndrome do pânico, ansiedade e estresse.

Hoje o profissional da educação, o professor em especial, está ficando doente e insatisfeito com as condições de trabalho. E este desconforto contribui para a grande rotatividade nas escolas, porque são pedidos transferências.

A educadora Tânia Zagury (2007), através de uma entrevista à revista Nova Escola esclareceu como registrou em seu livro “Professor-Refém” um estudo feito com 1172 professores em 42 cidades, entre elas o Rio de Janeiro, em que as maiores dificuldades encontradas em sala de aula são:

22%	Manter a disciplina
21%	Motivar os alunos
19%	Fazer a avaliação
16%	Manterem-se atualizados
10 %	Escolha da metodologia adequada

Fonte: ZAGURY (2007)

Segundo tais dados podemos constatar que a indisciplina é apontada como o maior obstáculo encontrado por professores, seguida da falta de motivação dos alunos, que não veem sentido na escola, informação preocupante já que interfere de forma negativa na administração das aulas. Muitas das vezes estes problemas têm múltiplas origens e se apresentam no cotidiano escolar como uma “válvula de escape”.

Esses profissionais também responderam que manter a disciplina é difícil por que:

44%	Alunos não têm limites ou são agressivos
19%	Ausência de educação familiar
11%	Ausência de compromisso da família
9 %	Salas superlotadas
6 %	Falta interesse
4 %	Alunos fazem o que querem em casa

Fonte: ZAGURY (2007)

Notam-se através das respostas, a relação entre falta de limites, agressividade e a forma de educação recebida por estes alunos; um problema cultural que a escola tem enfrentado nos últimos tempos, bem como o número de alunos por sala que aumentou nos últimos anos em detrimento do interesse que é cada vez menor. E para um profissional que precisa combinar severidade e respeito para que seu trabalho possa obter resultados, já que a autoridade é um dos atributos para seu exercício, o “jogo de cintura” deve ser maior que outrora.

O que é mais grave nessa situação é a falta de um respaldo que ampare o profissional em seu exercício. Somos obrigados a nos mantermos acuados em determinadas situações e intimidados. Em nossos dias não existem a valorização salarial, profissional nem mesmo moral, porque vivemos numa sociedade em que um jogador de futebol semi-analfabeto é mais bem pago e querido; houve uma inversão de papéis sociais que pode ser prejudicial para todos, porque com a mudança de paradigmas a profissão é seguida por poucos “heróis da resistência”.

A FORMAÇÃO DOCENTE

As mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas colaboraram para uma nova visão de sociedade. Em decorrência disso, surgiu a preocupação na área educacional por buscar atendimento para o novo perfil de aluno documentado em leis, resoluções tendo como objetivo atender a pluralidade.

Estas mudanças legais foram significativas dentro do contexto pedagógico por contribuir para um novo marco na educação pública, já que outrora a diversidade não era considerada como prioridade.

A atenção especial sobre a diversidade teve boa aceitação no meio educacional dando maior visibilidade social à instituição escolar, já que as mudanças legais exigiam a formação de novas competências para o desenvolvimento de um cidadão dentro das exigências da nova sociedade.

A busca pelo atendimento à diversidade apresenta um lado positivo que a reconhece e afirma entre os diferentes segmentos sociais, além de elaborar estratégias de atendimento qualificado para os mesmos, respeitando-os como atores sociais e preparando-os para sua inserção na sociedade. Esta visão atrai a simpatia não só da sociedade como também de segmentos envolvidos na educação.

Mas para que se concretizem os aspectos citados acima há que se atentar para o processo de formação destes profissionais, podendo contribuir ou comprometer a dinâmica educativa.

Atualmente devido à visão aberta de educação, a formação de profissionais de educação passou por reformulações curriculares e novos conteúdos foram inseridos para se aproximar ao máximo dos ideais de educação inclusiva. Houve uma ampliação no curso de formação de professores com o acréscimo de disciplinas indispensáveis à formação dos mesmos.

Se compararmos o curso normal de hoje com a formação de outrora certamente, a bagagem adquirida hoje é maior, mas, não o suficiente para a formação docente.

Apesar de haver uma boa intenção em democratizar o ensino nos cursos de formação de professores não há muito espaço para se tratar de temas que priorizem a indisciplina ou a violência no contexto escolar com a devida atenção que os mesmos merecem, dando a ingênua impressão de que tais casos sejam particularidades regionais.

Nos primeiros anos de exercício da profissão, é comum que profissionais perceberem como a teoria é destituída da prática e este impacto inicial pode gerar frustrações contribuindo para a desistência da profissão.

Trabalhar temas como estes relacionados a problemática que envolve a educação de hoje são necessários não apenas como momentos de discussão, mas, que proporcionarão a reflexão dos mesmos contribuindo para uma formação mais completa e próxima da realidade. Afinal com esta formação o profissional se encontrará apto a driblar e resolver problemas nada comuns em sala de aula.

A formação adequada prepara profissionais para interferir em situações de conflito e colaboram para a concretização de uma realidade mais justa.

É necessário também a reflexão da prática assim como da concepção da realidade ou estaremos contribuindo para a formação deturpada dos alunos, colaborando para um futuro sombrio, de privações e sem perspectivas.

A inadequação da escola às necessidades atuais deve ser revista e repensada com urgência porque a mesma compromete o futuro das próximas gerações.

GESTÃO PEDAGÓGICA FRENTE A VIOLÊNCIA

A grave crise educacional em decorrência da violência social tem se tornado mais uma provocação para educadores no dia-a-dia escolar.

As causas da violência na escola são várias e complexas como as condições socioeconômicas em consequência do sistema capitalista que provoca e acentua a exclusão social. De acordo com Candau (2001, p.14) “a hegemonia do projeto neoliberal, que caracteriza o momento atual brasileiro, tem contribuído para reforçar o referido processo de desintegração social”.

O desafio se torna maior, porque a escola tem como compromisso fundamental educar a partir da conscientização do aluno, quanto à importância de um relacionamento flexível e democrático, no qual direitos e deveres possam ser conciliados, colaborando dessa maneira, para o crescimento e fortalecimento do caráter crítico e saudável, esclarecendo e divulgando os diversos aspectos dos valores de uma vida, indo na contramão da sociedade.

Diante da falência das instituições convencionais, o papel da escola deve ser fortalecido e intensificado na busca de recuperação do sistema que se encontra inerte.

O poder de persuasão da mídia parece ser inevitável causando certo incômodo, a princípio, mas é indispensável o envolvimento de toda a escola intervindo pedagogicamente num trabalho de recuperação deste aluno.

Apesar da força de ação dos profissionais da educação ser limitada, até por não existir respaldo legal, o problema deve ser confrontado e ser combatido. Afinal, autonomia e autoridade são duas vertentes do processo pedagógico.

O diretor tem papel decisivo nesse processo porque compete a ele executar uma linha de ação ou um plano, portanto concorre a ele, conforme Luck (1997, p.17):

(...) a responsabilidade máxima do andamento e concretização da política educacional do sistema e desenvolvimento dos objetivos educacionais dinamizando, organizando coordenando todos os esforços a fim de efetivá-los. Entre as ações que são de responsabilidade da direção estão:

A articulação escola - comunidade;

A formulação de normas, regulamentos e adoção de medidas condizentes com os objetivos e princípios propostos.

A manutenção de um processo de comunicação aberto entre os membros da escola e entre estes e a comunidade local. (...)

O primeiro passo decisivo para sucesso do trabalho pedagógico é abandonar a neutralidade inicial, comum a todos nós, e encarar a violência como objeto de estudo que pode contribuir para a mudança paradigmática. Afinal, ainda somos profissionais formadores de opinião.

Para que as providências acima citadas se tornem hábeis é imprescindível que o gestor atue de forma a instigar o fortalecimento da democratização estabelecendo em seu trabalho uma direção transformadora a partir da dinamização do contexto escolar.

A proximidade entre escola e família pode apresentar aspectos positivos quando contribui para a consolidação de uma gestão democrática, assim como pode trazer benefícios à clientela escolar através de uma formação e desenvolvimento saudáveis. Percebe-se neste contexto que todos estão focados na qualidade do processo educativo.

Porém esta parceria pode mostrar um lado perverso quando foge do propósito educacional e dá lugar a posturas antiéticas, tendo como objetivo a autopromoção, fugindo da ética profissional. Isto pode ser percebido seja pelo discurso, seja pela prática através da superestima da comunidade em detrimento dos profissionais inseridos na instituição.

Portanto, a concretização de uma gestão democrática não se baseia apenas em discursos inflamados, mas através de um árduo trabalho de resgate, aceitação e troca com a comunidade local.

Não só a direção, mas, também a orientação educacional ou pedagógica tem importante papel cooperando para o desenvolvimento e auxiliando o aluno a tomar consciência de suas dificuldades e valores. O aconselhamento é uma das principais e mais importantes atuações deste profissional.

À supervisão escolar cabe a assistência e coordenação junto à equipe de professores. Na verdade, o papel da supervisão está relacionado à parte administrativa e burocrática.

Podemos ver que cada profissional pode contribuir de maneira decisiva no processo educativo, portanto um tema tão grave como a violência não pode ser tratado isoladamente, e sim, deve estar articulado à dinâmica escolar como um todo. Afinal, de acordo com Lück (1997, p. 63):

(...) o centro de atenção máxima da escola deve ser o aluno. A escola existe dele e, portanto para ele. A sua organização, em qualquer de seus aspectos, deve ter em vista a consideração do fim precípua a que a escola se destina; a criação de condições e de situações favoráveis ao bem estar emocional do educando, e o seu desenvolvimento em todos os sentidos: cognitivo, psicomotor e afetivo, a fim de que o mesmo adquira habilidades, conhecimentos e atitudes que lhe permitam fazer face às necessidades vitais e existenciais (...)

A educação deve ter como propósito a construção de uma sociedade baseada numa cultura elevada, em que o educando adquira conceitos significativos para sua vida e possa por meio deles formar sua base moral, intelectual e espiritual, a fim de que possa se tornar um ser humano íntegro capaz de pensar com liberdade, ser independente, crítico e justo em seus juízos, sem preconceitos, livre do pensamento de massa que rouba sua integridade individual, conhecer sua realidade interna para atuar com acerto e equilíbrio em suas decisões, responsabilizar-se por suas ações e ainda, ser cumpridor de seus deveres, conhecer o mundo que o rodeia para transformá-lo em prol da coletividade, realizar o que planeja, libertando-se da inércia, trabalhar em busca de seu aperfeiçoamento e com isso, ser exemplo de conduta para as gerações futuras.

Com relação à violência é importante salientar que o educador não pode se recusar a cumprir a lei informando a vítima de alguma agressão física ou moral, mesmo na forma tentada, sobre seus direitos, bem como orientando sobre como exercê-los corretamente.

A Orientação Educacional fica com a responsabilidade de tomar esta providência fazendo inclusive os encaminhamentos caso seja este o desejo da vítima.

Quando a violência chega à escola a ação deve ser mais intensa como, por exemplo, quando se trata de adolescentes infratores, ela deve proceder com aconselhamentos pedagógicos, advertências e sanções disciplinares previstas em regimento escolar que não venham a contrariar o direito à educação deste menor além da expressão e ampla defesa; sendo que o mesmo seja informado de eventuais consequências de seus atos.

Se houver casos de alunos armados no ambiente escolar, a direção deve informar à polícia que abrirá processo no Juizado da infância e da juventude.

Em caso de ameaça ao professor, deve ser feito um Boletim de Ocorrência (BO) pedindo intervenção do Conselho tutelar além de conversar com os pais e a comunidade.

Se houver casos de agressão a direção deve ser informada ou a diretoria de ensino e deve ser feito um boletim de ocorrência na presença de um superior. Se o agressor for menor de doze anos é obrigatória à convocação de um representante do Conselho tutelar.

Quando a escola for vítima de arrombamentos e furtos é obrigatório fazer o boletim de ocorrência já que a instituição é patrimônio público.

Se forem confirmadas suspeitas de abuso em casa, o caso deve ser levado ao conhecimento do conselho tutelar; a mesma providência deve ser tomada quando houver ausência prolongada na escola.

Se houver suspeitas de tráfico e consumo de drogas na escola, deve ser comunicado aos pais, ao conselho tutelar e ao Ministério Público.

O encaminhamento nestes casos deve ter finalidade educativa. O profissional precisa estar consciente que as razões da hostilidade apresentada no ambiente escolar podem ter como pivô a crise ética, o desenraizamento social, cultural, afetivo e religioso, o aumento da exclusão social e do desemprego. Como vimos acima, a cultura da violência vem sendo estimulada e praticada pelos diversos setores sociais cabendo à escola desenvolver um trabalho de recuperação de valores, conscientização e estímulo à valorização dos alunos.

A banalização da violência deve ser focada como objeto de estudo no ambiente escolar e como instrumento de trabalho neste setor tendo como objetivo a formação cidadã.

A direção, orientação e supervisão escolar podem ser interpretadas aqui como papéis-meio garantindo a qualidade no processo educativo tendo em vista sua posição de influência e liderança sobre todas as atividades desenvolvidas na escola e na efetivação de estratégias que concretizem o Projeto Político Pedagógico da escola.

A RELAÇÃO ESCOLA E VIOLÊNCIA

Sabe-se que a escola tem papel importante na vida e formação do ser humano, principalmente no ensino fundamental, após a família tendo como função prepará-lo para atuar de forma autônoma na sociedade. Para compreendermos sua abrangência é interessante voltarmos no tempo, especialmente na década de 70.

Nota-se a relevância do papel da escola na sociedade quando movimentos sociais reivindicavam igualdade no direito de acesso à escola pública por camadas menos favorecidas, já que a desigualdade socioeconômica interferia no processo de escolarização e só os filhos dos mais abastados tinham direito garantido de acesso à escola pública.

Durante as três últimas décadas, o processo de democratização se desenvolveu perante desafios e obstáculos até porque a mesma instituição que atendia apenas os filhos da elite agora atendia a classe trabalhadora. Mas, a mudança de clientela não foi acompanhada pela mudança de estratégias para se aproximar e atingir o novo perfil de alunos, desencadeando consequentemente no famigerado fracasso escolar que responsabilizava o aluno como autor de seu mau desempenho escolar.

Desde então é incessante a busca por alternativas que concretizem o sucesso escolar e atinja a qualidade no processo educacional, algumas positivas outras nem tanto, como no caso da postura paternalista adotada na educação através de programas suplementares de transporte, merenda escolar, bolsa escola e bolsa família. Não está em questão julgar o objetivo de tais programas que a princípio é nobre, mas observada por esse ângulo a educação fica em segundo plano com tais medidas e ganha um caráter assistencialista que empobrece sua real função e a descaracteriza.

Hoje ocorre a aspiração a uma escolaridade prolongada tendo como função oferecimento de um projeto educativo global encarregando-se de aspectos educativos cada vez mais complexos.

Desta forma percebe-se cada vez mais que a escola hoje cumpre atribuições que ante-

riormente eram destinadas a outras instituições. Vimos que aumentaram as funções da escola para com a formação do aluno e, a medida exige-se esta globalidade, percebe-se que a instituição está perdendo sua identidade inicial, ao mesmo tempo em que tenta recuperar sua posição social.

Presenciamos atualmente o desdobramento da mesma em atender o educando em seus aspectos físico, psicológico, social, afetivo e cognitivo, mas ao mesmo tempo em oferecer condições favoráveis de aprendizado com qualidade; infelizmente a escola não consegue ser capaz de exercer tantas funções com eficiência por limitações administrativas e financeiras.

Vale ressaltar que à medida que se acumulam as responsabilidades de formação educacional para a escola, é fácil chegar a seguinte constatação: eleva-se a cultura escolar em relação a outras instituições, mas não a legitima gerando descrédito, por ser impossível exercer efetivamente o papel de várias instituições com propriedade ou autoridade.

Na busca pela democratização a escola pública atualmente abrange todos os segmentos da sociedade e ambiciona comportar a pluralidade, mas, não encontrou definitivamente soluções para atendê-la, ou seja, não dispõe de condições materiais, estruturais e físicas para atendê-la. De acordo com Candau (2001, p.48)

(...)com a democratização do ensino fundamental, muitos estudos vêm mostrando que “os vínculos entre estas duas funções são marcados por tensões e podem até mesmo tornar-se abertamente contraditórios” (PERALVA, 1997, p. 23). Certamente, tais condições encontram-se na origem do conflito em torno do julgamento escolar, que, como já afirmamos, constitui um dos fatores relacionados com a violência na escola. Construir um caminho que busque equacionar as referidas contradições, reforçando a função formadora da escola, voltada para a aprendizagem escolar, concebida como um dos instrumentos de formação cultural e de construção do sujeito ético, político e social, constitui certamente um grande desafio para a sociedade e, em especial, para os educandos e educadores (...)

Isso mostra que o processo pela democratização é bastante complexo e depende de vários aspectos para ser efetivado; não basta que o aluno esteja na escola independente de condições físicas, material etc, é necessário oferecer condições mínimas de adequação ao processo educativo, ou teremos salas superlotadas e pouco arejadas, escassez de profissionais qualificados, acarretando em dificuldades de aprendizado, indisciplina entre outros.

O movimento pela democratização da escola pública buscava o acesso de forma humana ao ensino público com qualidade e não apenas a massificação descomedida do mesmo. Isso mostra que ainda hoje a escola encontra dificuldades pra atender a clientela escolar de maneira adequada, ou seja, o processo de democratização ainda continua.

Prova disso é que alguns alunos não se sentem à vontade no ambiente escolar demonstrando sua insatisfação através de comportamentos agressivos, além de baixo rendimento escolar. O sistema educativo deveria ser acolhedor e oferecer condições iguais de permanência na escola, mas, ao contrário não é este o papel que a instituição vem desempenhando podendo contribuir para o conflito através de uma avaliação injusta, classificatória que beneficia alunos com bom desempenho, mas, aqueles que apresentam dificuldades são ignorados traduzindo-se num exemplo de violência simbólica, e colaborando para a preservação de alguns estigmas pela sua dificuldade de aceitar a classe trabalhadora interferindo na dinâmica pedagógica Segundo Candau (2001, p. 49)

(...) salientamos a importância de buscar alternativas para a organização escolar que permitam maior aproximação com pais e mães, e com a comunidade na qual se insere a escola, bem como a realização de outras atividades tornam o cotidiano escolar mais agradável, melhorando os vínculos entre os alunos e a escola, mas porque evitam, inclusive, que os espaços ociosos do prédio escolar sejam ocupados de forma caótica, o que contribui, muitas vezes, para um aumento das manifestações de violência(...)

A agressividade não pode ser justificada pelo contexto escolar descrito acima, mas pode ser o meio que a desencadeia, pois, a inadaptação a este ambiente gera desconforto e como proteção a agressividade pode ser uma resposta.

POSSÍVEIS RAZÕES DA AGRESSIVIDADE NA ESCOLA

No cotidiano escolar é possível detectar algumas razões do comportamento agressivo, já que ele pode surgir baseado em valores, crenças ou convicções particulares que o sustentam, assim com pela inadaptação, exclusão social entre outros determinantes da sociedade exteriores a escola, mas que se manifestam em seu interior.

Os profissionais devem estar atentos a todos os aspectos e buscar conhecê-los para interferir com precisão e eficiência. Na escola alguns motivos da agressividade podem ser descritos abaixo como:

Desinteresse: as condições de aprendizagem não despertam o interesse e motivação do aluno contribuindo para sua dispersão.

Professor autoritário: Quando o profissional demonstra muita rigidez na dinâmica de sala de aula ignorando a opinião ou participação dos alunos, pode gerar insatisfação dos mesmos, que vêem na agressividade uma resposta às condições impostas.

Professor permissivo: Quando o profissional não deixa claro o limite para a turma, contribui para a indisciplina e desorganização no ambiente escolar. É necessário que o profissional tenha consciência de seu papel e das consequências do mesmo.

Falta e ética profissional entre funcionários: Isso acontece quando profissionais são desautorizados perante alunos. Quando estes percebem que podem se beneficiar da situação neste ambiente tensa jogando um funcionário contra outro, torna-se fácil não se responsabilizar por seus erros porque num espaço como este a gestão deixa claro que o aluno sempre tem razão.

Estes problemas funcionais da escola precisam ser resolvidos porque geram mal estar entre funcionários e entre estes e alunos culminando com o comprometimento do processo educativo já que a falta de ética impossibilita tal ação.

Pais desinteressados com o processo educacional, mas que exigem aprovação dos filhos: Tem se tornado comum nas escolas o perfil de pais descrito acima que não demonstram interesse pela proximidade com a escola durante todo o ano letivo, mas, ao final se fazem presentes submetendo a escola a ameaças quando percebem um resultado negativo. Nestes casos a escola precisa se resguardar para evitar conflitos maiores e mostrar até que ponto a família e a escola são fundamentais durante o processo educativo do aluno.

Pais que terceirizam para a escola a educação de seus filhos: outro problema comum atualmente em consequência da correria do dia-a-dia, pelo trabalho, mas, principalmente pela falta de tempo com qualidade com os filhos e falta de autoridade para como os mesmos, deixan-

do a cargo da escola uma obrigação particular da família.

A escola não pode se comprometer a substituir a família; neste caso é necessário o diálogo entre ambas as instituições.

Observando as razões de agressividade no ambiente escolar percebemos que a educação familiar pode ser responsabilizada por tais comportamentos, mas, também dentro da escola há características no ambiente que contribuem para a animosidade.

Os profissionais precisam perceber e conscientizarem-se de que não só o ambiente familiar interferir no comportamento do aluno as suas atitudes e postura podem influenciar de forma negativa mesmo que passivamente.

Tendo consciência de tais determinantes cabe a ele desempenhar o papel de pesquisador buscando formas efetivas de solução para o caso e manter a ética profissional que não pode existir apenas em discursos, ou haverá a contradição da teoria para a prática.

Não temos a pretensão ingênua de defender a escola como espaço de transformação social, mas, ela possível através de projetos direcionados à superação da submissão das classes trabalhadoras quando lutamos por uma sociedade que seja realmente justa, com igualdade de direitos e oportunidades, estaremos desenvolvendo uma política educativa centrada no aluno e em seu sucesso escolar, processo este que engloba a família, instituições sociais e culturais em rede.

O QUE COMPETE À ESCOLA?

A violência social tornou-se um desafio a mais para a escola, exigindo que esta exerça de forma efetiva um papel decisivo na formação do educando, e para isso ela deve trabalhar de forma atrativa para os alunos, tendo um compromisso muito maior diante desta triste realidade de degradação humana.

É comum no ambiente escolar entre a equipe pedagógica, questionamentos referentes a atitudes ou decisões educativas com o objetivo de solucionar o problema. Até porque as incumbências da escola nos últimos tempos aumentaram, mas, infelizmente não existe uma solução que possui o poder de banir a violência da sociedade, porém esta instituição, não deve se acomodar porque é possível elaborar estratégias de ação que, se trabalhadas de forma determinada, venham a contribuir para a redução de atos inconvenientes e para a formação desses indivíduos, auxiliando na restauração do desenvolvimento sadio do caráter. A Escola é a única instituição social que não pode perder de vista o seu papel educativo e que contribui para a esperança de um futuro melhor e mais justo.

As estratégias devem ser pensadas em relação à problemática da realidade, conscientizando o aluno da importância de saber trabalhar as emoções, demonstrando-as no momento certo de maneira equilibrada desenvolvendo o autocontrole. A intervenção pedagógica deve ser efetivada trazendo o tema para sala de aula através de reportagens a respeito das consequências de atos insanos e levando os alunos à reflexão da realidade; estimular a discussão sobre sugestões para lidar com a agressividade, dando a eles o direito de expor suas opiniões e assim, serem ouvidos. De acordo com Candau (2001, p. 50)

(...)destacamos a importância do diálogo como forma de enfrentamento da questão da violência na escola e, dentro desta perspectiva, de se voltar o trabalho pedagógico para a construção de um ser social dotado da capacidade de falar. A linguagem é considerada, aí, como instrumento de sobrevivência e de luta para a transformação da sociedade(...)

A adoção do diálogo nas diferentes instâncias escolares é produtiva, pois a agressividade é um nível de relação humana em que a abordagem ainda é possível. Portanto, ela pode ser utilizada como instrumento de socialização.

Também é interessante para os jovens, atividades extracurriculares, como a utilização de quadras das escolas para práticas esportivas, como jogos cooperativos atividades de inclusão, mixando sempre os grupos para evitar as “panelinhas”, envolvendo danças, músicas, religião e palestras sobre o tema. Esta será a oportunidade de inserir o aluno no ambiente escolar, não só no aspecto social, reduzindo a agressividade, mas também no cognitivo, contribuindo para a concentração maior e interesse pelo aprendizado, colaborando para o desenvolvimento de um novo olhar para a realidade à sua volta.

Como este fenômeno apresenta uma série de peculiaridades, como seu caráter multifacetado, ou seja, ele se apresenta de maneira variada indo das formas mais sutis às mais grotescas aparições, se manifestando em diferentes domínios de várias formas e nem sempre num confronto direto “face a face”, ocorre à necessidade de trabalhá-lo de forma interdisciplinar. De acordo com Aquino (1996, p. 80).

(...) portanto, nem uma liberação geral, nem uma ordem absoluta tem eficácia sobre o movimento dos diferentes grupos que compõem o território escolar, e que obedece a leis próprias. O confronto da escola com essas leis obriga à negociação, à adaptação. Quanto maior a sua capacidade em assumir e controlar a violência, mais a escola dará ao conjunto uma mobilidade que permitirá driblar e agir com tolerância perante os diferentes tipos de agitação (...)

A capacidade de negociação que a escola pode desenvolver promove a adaptação de grupos, contribuindo pra que se sintam inseridos no contexto educativo, ao mesmo tempo em que se percebam agentes do processo educacional.

Torna-se um desafio e uma tarefa árdua por se tratar de um assunto que não tem campo específico do saber, contemplando assim as diferentes áreas do conhecimento. É óbvio que os resultados desta dedicação não virão de imediato, por se tratar de um trabalho árduo com resultados visíveis a médio e longo prazo, já que uma solução decisiva seria a reformulação de todo o sistema; algo inexecutável a princípio.

Mas a Escola tem como compromisso ético a formação do caráter do educando tornando-o capaz de executar seus deveres assim como o mesmo é hábil em cobrar seus direitos. Esta característica da instituição deve ser reforçada diante dos novos padrões ditados pelos diversos segmentos sociais que vem se tornando a base da formação educacional principalmente de crianças e jovens tendo por objetivo formar gerações capazes de lidar com adversidades e conflitos de modo não violento. O comprometimento da instituição escolar é com a coletividade, visando o seu bem estar e harmonia. E o processo de gestão que possui uma visão abrangente das atuais mudanças e dos paradigmas atuais contribui para este feito, pois fortalece a democratização contribuindo para o enriquecimento da execução do projeto da Escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho podemos concluir que o tema apresentado merece ser mais trabalhado ou estudado no âmbito escolar porque as origens e as manifestações da violência são várias e a escalada da mesma nos últimos anos tem atingido proporções epidêmicas e, com relação ao controle e prevenção esta passou a ser interpretada como um problema de saúde pública.

A escola ainda é um espaço de formação para a cidadania, mas ironicamente seu poder de ação tem se tornado restrito cada vez mais e até solitário. A sociedade recente é diferente da de tempos de outrora que esta instituição atendia. Nota-se que o poder de convencimento da sociedade é maior que o da escola tornando-se um desafio trabalhar esta nova realidade.

A violência tornou-se um problema para educadores, porque assim como a sociedade não possui meios categóricos que a solucionem, estes não sabem como lidar com o evento de forma a reduzi-lo de maneira imediata ou exterminá-lo.

A deficiência do sistema escolar é nítida pela carência de bibliografia, congressos, fóruns, palestras que explorem ou esclareçam o assunto e apontem possibilidades de trabalhar este evento. Por ser um tema relativamente novo e de impacto é assustador a falta de conhecimento aprofundado sobre o mesmo.

A falta de pesquisas nesta área pode ser um dos desencadeadores de sua presença no meio educativo, mas não o único. Mas principalmente pela falta de conhecimento, sua manifestação é latente. A presença da violência tem gerado espanto na sociedade que a denuncia principalmente aquela no ambiente escolar.

A sua manifestação não pode ser ignorada por falta de conhecimento, porém é necessário providências que tornem possível sua administração até por ser um problema que tem comprometido a área educacional sendo necessário investimentos em pesquisas e estudos para a área como maneira de solucionar o problema que supera o limite de tolerância.

Por ser um problema crônico as medidas para sua solução também devem ser adotadas em todas as esferas sociais porque como, já, foi constatado, a própria instituição escolar produz violência, seja por ignorância ou por valores deturpados dos funcionários ou alunos.

Portanto, as medidas de combate à violência se relacionam as esferas da vida social, de caráter estrutural e cultural. E, certamente entre as práticas culturais que se constituem em forte instrumento na contribuição a buscas para afrontar a problemática, está à educação.

A falta de iniciativa política das esferas governamentais no oferecimento de programas voltados para o combate à violência em defesa da sociedade, torna-se também um tipo de violência por causa da omissão de oferecimento de um direito do cidadão.

Como é de conhecimento de todos, a violência é um problema social e a solução não deve ser jogada sob a responsabilidade somente de instituições escolares ou serão reproduzidos os mesmos problemas.

Como problema social ela deve ser solucionada de forma social porque todos os segmentos da sociedade estão imersos neste caos inclusive a escola que não pode ser comparada

a uma ilha.

A partir do momento em que este for concebida desta forma sendo tratada com a merecida urgência, estaremos próximos de uma solução definitiva.

De fato não fomos preparados como cidadãos nem como profissionais para conviver com a brutalidade. Isso se explica pela alta quantidade de profissionais da educação que estão adoecendo na profissão nos últimos tempos por uma série de fatores.

O que torna o quadro mais crítico é que junto com o aumento da violência houve a desvalorização do profissional em todos os segmentos sociais, algo absurdo, pois deveríamos contar com o apoio legal e político (mais legal que político para não cair em favoritismo). Houve a inversão de papéis; há uma supervalorização do aluno seja afetiva, social ou cognitiva em detrimento do profissional da Educação que caiu no esquecimento.

O máximo que a escola pode fazer é um trabalho contínuo que favoreça a socialização e o entrosamento escola-família. O seu real papel é o de prevenção, porém até este encargo hoje acontece de forma limitada e com muita reserva. As leis de nosso país possuem muitas falhas que sempre protegem o aluno mesmo que este esteja errado, afinal de contas, toda criança deve ser educada, mas este direito tornou-se mais uma negociação política que um direito adquirido. Prova disso é o regimento escolar que não pode ser levado ao pé da letra porque as decisões de suspensão, por exemplo, devem ser tomadas com muita cautela depois de muito diálogo e esclarecimento.

O sentimento de impunidade hoje está impregnado em nossa sociedade seja através da cultura, da família, propagado pelos meios de comunicação social, em outras palavras, vivemos em uma sociedade incrédula de mudanças. A inversão ou ausência de valores tem prejudicado bastante o sistema escolar que resiste em seu trabalho solitário. A solução para este problema parece utópica, porém só através da reformulação de todo o sistema é que poderá ser possível a exterminação da violência, através de uma mudança urgente de paradigmas atuais porque a solução envolve todo o sistema social. E como a violência é um problema de ordem pública a sua solução deve ser pensada também em abrangência social, onde não só a instituição escolar, mas também as outras compartilhem do mesmo objetivo, pelo bem comum da sociedade de forma geral.

Percebemos que a instituição familiar, que até então era responsável por garantir a base da educação, hoje vive num impasse, infelizmente, comum em nossos dias: a total falta de tempo para os filhos em função do trabalho e a conseqüente falta de autoridade resultante de uma educação permissiva e sem limites pré-definidos. Mas a família não é a única responsável por este “desastre educativo” que presenciamos ultimamente.

A mídia também tem cooperado de forma persuasiva para uma visão deturpada de valores, crenças e comportamentos que são expostos geralmente de maneira atraente e sem críticas, tendo como público-alvo crianças e adolescentes. Observamos que este problema não se restringe aos nossos dias; crianças e adolescentes sempre estiveram envolvidos em situações de agressões e maus tratos no decorrer da história e este evento independe da classe social para se manifestar.

Diante desta triste realidade, é provável que não só as relações sócio-afetivas, como

também os aspectos cognitivos possam ficar comprometidos. O trabalho pedagógico se torna um desafio maior atualmente, pelo seu caráter conciliador e filantrópico, em que o aluno não pode mais ser pensado apenas como um cérebro que retém informações. Suas emoções, realidade e experiências são priorizadas quando este é avaliado. Cabe à escola diante do novo quadro, desenvolver um trabalho em equipe onde a intervenção pedagógica deve acontecer tendo como objetivo principal o resgate do aluno que tem este perfil, através de constantes pesquisas e estudos. Este é um trabalho que requer persistência e engajamento dos profissionais nele inseridos.

Este trabalho pedagógico requer reflexão da prática assim como desenvolvimento de habilidades fundamentais, tendo como propósito sanar o problema, e em seu contexto, os estudos de Piaget e Freud podem contribuir para a compreensão de comportamentos isolados e sua relação com o todo ou com a história de vida do aluno, sua educação... e reforçar a socialização tão necessária nesses casos, buscando alternativas de afirmação desses indivíduos, colaborando com a formação para a cidadania e visando a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

A Escola do século XXI deve ser atual para que tenha sentido diante de tantas mudanças sociais. As demais instituições sociais fracassaram, porém, a escola é a única que não pode falhar caso contrário o futuro das próximas gerações podem estar ameaçado. A elaboração e execução de projetos significativos produz resultados que serão nítidos com o tempo, porém é são necessárias outras providências para que a situação não fique caótica. O discurso propagado no meio educacional deve estar associado à realidade para que cause efeitos. A violência é um problema real que exige soluções concretas baseadas na ação conjunta de vários segmentos da sociedade, organizações governamentais e esforços individuais mobilizando intervenções em vários níveis.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa (org). Indisciplina na Escola. São Paulo: Summus, 1996.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990.

COUTINHO, Maria Tereza da Cunha; MOREIRA, Mércia. Psicologia da Educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a Educação: ênfase na abordagem construtivista. 2. ed. Belo Horizonte: Lê, 1993.

CAVALCANTE, Meire. Seu aluno. Nova Escola. São Paulo. n.178, p.58-61,dez. 2004

FERRARI, Márcio. Insegurança Pública. Nova Escola. São Paulo n.197, p.26-31, nov. 2006.

LOPES, Alexandra. Agressividade na Escola em debate. Jornal de Notícias. 13/10/06. <http://jn.sapo.pt/arquivo/artigo.asp>

LUCINDA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças; CANDAU, Vera Maria. Escola e Violência. 2. edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LÜCK, Heloísa. Ação Integrada: Administração, Supervisão e Orientação Educacional. Petrópolis: Vozes, 1997.

ZAGURY, Tânia. O professor precisa ser ouvido/Fala mestre!maio/2007. <http://novaescola.abril.com.br/edicoes/192/aberto/mt132900,shtm/indice> da ed. 192.

